

Cidade Baixa sofre esvaziamento comercial

Fotos: Rejane Carneiro

Entre Água de Meninos e a Ribeira, existem pelo menos seis mil empresas. Dessas, 600 (10%) fecharam as portas nos últimos anos. Na área do Comércio, além de dezenas de empresas, de lojas a escritórios de representações comerciais e industriais fechadas, vários bancos fecharam suas agências, encerrando suas atividades em Salvador, ou mudando-se para outras áreas com melhor infra-estrutura urbana. A decadência geral se traduz por prédios inteiros fechados, como a antiga sede da Petrobrás, em São Joaquim, a antiga sede da Rede Ferroviária Federal, na Praça da Inglaterra, e uma enorme quantidade de salas à venda ou para alugar, que permanecem vazias por falta de pessoas interessadas.

Adilson Fonsêca

O Comércio, centro de negócios que nasceu com Salvador e que ainda ostenta a condição de pólo financeiro da capital, está observando uma fuga em massa de empresários instalados no local. Prédios fechados, com avisos de "vende-se" ou aluga-se, andares inteiros vazios e uma dezena de imóveis históricos, situados na parte dos fundos, próximos às encostas da Sé e do Pilar, transformados em ruínas, atestam o estado de falência de uma das áreas mais importantes de Salvador, onde está a maior concentração bancária da cidade e por onde circulam mais de 70 mil pessoas diariamente. Sobram salas e faltam investidores interessados em ocupá-las, trazendo de volta a pujança econômica e financeira da área.

Aguardando uma revitalização prometida desde 1992, o Comércio vê a cada dia crescer o processo migratório de lojas, agências bancárias e escritórios de representações comerciais e industriais, que buscam outras áreas da cidade, como a Avenida Tancredo Neves, o Loteamento Cidadela ou áreas próximas ao Itaigara e Parque da Cidade. Prédios tradicionais, como a sede da Rede Ferroviária Federal (RFSSA) e da Cia. Valença Industrial, estão fechados e outros mais novos, como o Edifício Ouro Preto, na rua Miguel Calmon, só para citar alguns, têm andares inteiros vazios, porque seus antigos locatários mudaram-se para outras áreas da cidade. Crônico nos congestionamentos de trânsito e vagas para estacionamento de veículos, o Comércio não vê há muito tempo surgir um

prédio novo. O mais recente, em obras há mais de cinco anos, deverá abrigar um edifício-garagem para 314 vagas.

Abandono crescente

Na Avenida Estados Unidos, a maior do comércio e onde estão algumas das principais agências bancárias de Salvador e a sede do Banco do Estado da Bahia, sete imóveis estão fechados. Logo no início, um antigo posto de atendimento do Sedex (Correios e Telégrafos) foi fechado. Na esquina com a Praça da Inglaterra, uma enorme placa anuncia a venda de dois outros imóveis fechados. O próprio edifício-sede do Banco Excel fechou no lado que dá para a avenida, o mesmo acontecendo com uma das agências do antigo Banco Nacional (atual Unibanco). O Edifício Joaquim Barreto de Araújo, um dos mais modernos da área, não abriga mais a agência do Bamerindus. Em frente ao Instituto de Cacau, um posto do Excel também foi fechado.

Segunda rua em importância no Comércio, a Miguel Calmon exibe logo no seu início o abandono do prédio de 1870, onde funciona um dos restaurantes mais tradicionais da área, o Apolo. Ao lado, todo o prédio onde funcionou durante muitos anos a Companhia Valença Industrial, hoje fechada, está à venda. O vizinho Edifício Nossa Senhora da Conceição está com todo o térreo, onde funcionou a agência do Banco de Crédito Nacional, também à venda. Em frente, outro prédio histórico está à venda, penhorado pela Justiça. Trata-se da antiga sede da Rede Ferroviária na Bahia, que se mu-



Os Gonçalves está entre os nomes tradicionais que fecharam portas

dou para a Calçada.

Agências bancárias

Na Miguel Calmon estão fechadas as agências do Banrisul (Banco do Rio Grande do Sul), Bandepe (Pernambuco), Banerj (Rio de Janeiro) e Bemge (Minas Gerais).

Andares inteiros dos edifícios Ouro Preto, Cidade do Crato, Almirante Barroso, Conde dos Arcos e Ranulfo Magalhães, entre outros, estão à venda ou para alugar. Com a decadência do Comércio, importantes escritórios de representações mudaram-se para outros locais da cidade. No Edifício Ouro Preto, por exemplo, no final da Rua Miguel Calmon, todo o 7º e o

9º andares, com nove salas cada, estão fechados. Ao lado, no Edifício São Paulo, fechou-se a agência do Bamerindus. O Cidade do Crato, em frente, também está com várias salas fechadas. O Almirante Barroso, além de perder a agência do Banerj, está com o térreo, sobreloja e terceiro andar fechados. No mesmo local estão fechadas ainda duas salas do 2º andar, quatro do 5º andar e todo o sexto andar. No Edifício Raimundo Magalhães, na Rua Torquato Bahia, todo o 11º andar está fechado. No prédio estão fechadas ainda três salas no 10º andar, cinco no 7º e todo o térreo, onde funcionou o antigo restaurante do self-service Paes Mendonça e uma farmácia.

Prédios são abandonados

Um verdadeiro cemitério de prédios abandonados, salas vazias existe entre a Praça Deodoro, no Comércio, e o final da Avenida Frederico Pontes, já na Calçada. Quarteirões inteiros fechados, onde prédios seminovos, como o corredor construído pelo antigo Banco Econômico, nas imediações do Túnel Américo Simas, ruínas em Água de Meninos e um verdadeiro gigante de sete andares e edificações anexas da antiga sede da Petrobrás, em São Joaquim, compõem o cenário de uma parte da cidade que já foi das mais movimentadas e que hoje se encontra abandonada.

Na parte extrema do Comércio, o Mercado do Ouro é uma sombra pálida do esplendor de décadas passadas, quando representava o principal entreposto comercial da cidade. Os velhos trapiches abandonados, as ruínas do Pilar e o velho Plano Inclinado se juntam a outros prédios mais novos, já na Avenida Frederico Pontes, que não são ocupados há muito tempo. Nas imediações de Água de Meninos, a suntuosidade da secular Igreja de Nossa Senhora da Santíssima Trindade, fechada há mais de cinco anos, contrasta com os dois enormes prédios

da Mesbla Náutica, também fechados. Mais adiante, um conjunto de prédios virou oficina mecânica, moradia de mendigos ou simplesmente depósitos abandonados, nas imediações da entrada para a estação do ferry-boat e próximo ao recém-reformado Forte das Lagartixas, do Exército.

O maior exemplo fica por conta do gigante da Petrobrás, de sete andares, formado por um complexo de edificações menores. Completamente vazio há mais de três anos, o prédio abrigou toda a estrutura administrativa da empresa na Bahia durante décadas, sendo considerado um dos prédios mais modernos de toda a Cidade Baixa. No ano passado a Prefeitura de Salvador, numa tentativa de proporcionar uma revitalização comercial da área, cogitou de transferir, em regime de comodato, diversas secretarias municipais para o prédio, ocupando suas salas e dando outra dinâmica ao desenvolvimento do Comércio e da Calçada. A tentativa não vingou e o prédio da Petrobrás, símbolo da antiga pujança da área, hoje é um monumento que retrata fielmente todo o esvaziamento comercial e industrial local.



Andares inteiros estão disponíveis na Avenida Estados Unidos